

# CARMINA BURANA: TRÊS PERSPECTIVAS (SÉC. XII-XIII)

---

Helena Macedo Ribas

O estudo da poesia medieval proporciona diversas possibilidades de se pensar as sociedades que a produziram, no sentido em que expressam as angústias, os amores, as críticas e os humores de indivíduos de localidades, línguas e estratos sociais diversos. De uma arte majoritariamente oral e performática, a música cristalizada em poesia chega até nós nas páginas dos numerosos manuscritos e códices, que representam apenas uma fração de tudo que divertiu e animou as pessoas das cortes, das cidades e das igrejas. Dentre estes códices figura aquele que tem sido minha principal fonte de estudo nos últimos dez anos, o Carmina Burana.

Este códice, produzido na primeira metade do século XIII na região sul do Sacro Império Romano Germânico ou ainda no Norte da península italiana (não há consenso entre os especialistas) e preservado em um mosteiro beneditino em Beuern (que fica hoje na atual Bavária, sul da Alemanha), reúne mais de 200 canções em latim e médio alto alemão compostas e cantadas no século anterior por estudantes vagantes que são conhecidos como Goliardos. Esses estudantes, provenientes de estratos sociais e localidades diversos, transitavam entre as escolas catedrais e as universidades da Cristandade em busca de conhecimento e patrocínio, e suas canções são em sua maioria anônimas. (CARTELLE, 2017: p. 13)

Figura 1: Representação da Roda da Fortuna presente no manuscrito do Carmina Burana, 4660, preservado na Biblioteca Augustana de Munique. Neste mesmo fôlio podemos encontrar a canção 17, popularmente conhecida como "O Fortuna".

Figura 1: Representação da Roda da Fortuna presente no manuscrito do Carmina Burana, 4660, preservado na Biblioteca Augustana de Munique. Neste mesmo fôlio podemos encontrar a canção 17, popularmente conhecida como "O Fortuna".

Através de canções sobre os mais diversos temas, desde a corrupção do clero médio que, para esses Goliardos, se preocupa mais com os ganhos materiais do que com as obras de caridade aos pobres e que incorre na simonia, até canções sobre as virtudes, a volatilidade da Fortuna, as disputas religiosas dentro da própria Igreja e as Cruzadas, os Goliardos representam em sua poesia seu contexto de transformação social, econômica e cultural, em uma Cristandade que se expande por meio das rotas comerciais, do reavivamento das cidades e do surgimento das escolas catedrais e universidades, e em que a Igreja se consolida como uma força mobilizante de espadas e também de mentes.

Curiosamente, o manuscrito Carmina Burana foi dividido por seus compiladores em três eixos temáticos: canções satírico morais abrem o cancionário, seguidas por canções amorosas, as mais numerosas, ocupando cerca de metade do manuscrito, e por fim as canções lúdico-tabernárias, além de dois dramas natalinos. Tendo trabalhado com a segunda e terceira parte em outras oportunidades, meu doutorado se volta para as canções satírico morais para investigar aquelas que a autoria pôde ser auferida ou apontada através de estudos de cotejamento documental realizados por críticos literários e filólogos, que totaliza cerca de um terço das 55 canções iniciais. Desse recorte emergem três perspectivas: Pedro de Blois, que atuou por muitos anos na corte Plantageneta, próximo a monarquia, (DRONKE, 1976: 191) tem algumas de suas canções adicionadas a esse códice, cujo tom se volta para o comportamento lascivo a ser evitado (ou, mais precisamente, lamentado) pelos clérigos. Da mesma forma, Gautier de Chatillôn, homem de letras e mestre responsável por um dois mais famosos épicos sobre a vida de Alexandre o Grande que circularam na Cristandade (RUBIO, 1989: 395), volta sua

---

RIBAS, H. M. Carmina Burana: três perspectivas (séc. XII-XIII). *História e Pesquisa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

pena para os desvios dos homens da Igreja com relação à ganância, a soberba, a simonia e a falta de caridade; e por fim, Felipe o Chanceler, notório compositor de hinos para a catedral de Notre Dame (MCCLUSKEY, 2019) têm no Carmina Burana canções acerca das virtudes e comportamentos desejados dos clérigos, sobre a “decadência” de seu tempo, e, de forma similar a Gautier, sobre a ganância dos homens da Igreja.

Através do estudo da poesia desses três eruditos medievais compiladas em um códice como o Carmina Burana, percebemos algumas das questões que importavam para esses mestres e eruditos citadinos, como a ênfase nas questões de moralidade em um contexto de consolidação da Reforma Papal e de crescente monetização da sociedade, por exemplo, e que pode oferecer uma visão mais nuançada e humana dessas grandes transformações.

### **Para saber mais**

CARTELLE, E. M. Carmina Burana (II): Poemas satírico-morales, lúdicos y de taberna. Madrid: Ediciones Akal, 2017.

DRONKE, P. Peter of Blois and the Court of Henry II. *Mediaeval Studies*, vol. 38, 1976.

RUBIO, F. P. Una aproximación a la vida y la obra de Gautier de Chatillon. *Archivum: Oviedo*, num. 39 – 40, sept. 1989.

MCCLUSKEY, C. Philip the Chancellor. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em <https://plato.stanford.edu/entries/philip-chancellor/>

---

RIBAS, H. M. Carmina Burana: três perspectivas (séc. XII-XIII). *História e Pesquisa*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

